

Gêneros do discurso e divulgação científica: desafios do discurso jornalístico

*Moisés dos Santos Viana*¹

*Lúcia Gracia Ferreira*²

*Adriana Guerra Ferreira*³

*Sandra Lúcia da Cunha e Silva*⁴

Resumo: O presente artigo é uma reflexão acerca da linguagem, o discurso científico e a divulgação do discurso científico, sendo este último discurso expresso no jornalismo, tratando da questão dos gêneros de discurso em geral e do gênero de divulgação científica em particular. Para iniciarmos tal abordagem, partimos do cabedal teórico do filólogo russo Mikhail Bakhtin e de alguns expoentes da Análise do Discurso (AD), tratando de referenciais como o universo linguístico gêneros do discurso, necessários à comunicação na sociedade. Ademais fazemos uma teorização sobre o discurso científico e sua relação locutor-interlocutor e também a sua relevância e precisão na criação do discurso de divulgação científica (midiática) que tem características próprias. Assim, este artigo tem o objetivo de fazer uma reflexão teórica sobre a divulgação científica, mais precisamente o discurso jornalístico que realiza essa tarefa.

Palavras-chave: Ciência. Gênero de discurso. Análise do discurso.

¹ Jornalista. Especialista em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)/Itapetinga. Mestrando em Cultura e Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Professor Auxiliar UESB/Itapetinga. E-mail: tutmosh@gmail.com

² Pedagoga. Mestranda em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: luciagferreira@hotmail.com

³ Graduanda em Matemática pela UESC. E-mail: drylguerra@bol.com.br

⁴ Doutora em Ciências pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Professora Titular da UESB/Itapetinga. E-mail: cunhasl@hotmail.com

Gender of speech and scientific spreading: journalistic speech challenges

Abstract: The present article is a reflection about language, the scientific speech and the spread of the scientific speech, being the last speech reported in journalism, dealing with gender of speech generally and with scientific spread in particular. In order to start such a broach, we depart from the russian philosopher Mikhail Bakhtin and from some state of Speech Analysis, dealing with references like the linguistic universe of speech gender, necessary to society communication. Furthermore, we set a theorization about scientific speech and speaker-interspeaker and as well its importance and accuracy in the scientific spread of speech (mediatic) which has proper features. Thus, this article has objective to set a theoretical reflection on a scientific spread, however precisely the journalistic speech that accomplishes this task.

Keywords: Science. Speech gender. Speech Analysis.

Introdução

Este artigo trata de questões relacionadas ao discurso, a linguagem, a divulgação científica e ao discurso jornalístico. A partir disso, analisamos a relevância dos gêneros dos discursos no entendimento dos gêneros de discurso envolvido na divulgação científica. Assim, esta reflexão tem um caráter especificamente teórico, e para sua realização construímos um referencial, a partir de autores como Bakhtin (2002, 2003); Brandão (1990); Burkett (2004); Foucault (2003); Hernando (1977); Lage (2001); Lopes (2003); Serra (2001); Zamboni (2001) dentre outros. O artigo tem o objetivo de fazer uma reflexão teórica sobre a divulgação científica, mas precisamente, o discurso jornalístico. Partimos da idéia de que o sujeito, após produzir seu discurso e transmiti-lo, o faz por si só, assumindo o papel de locutor ou sujeito falante de uma situação: “[...] os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ [...]” (BRANDÃO, 1990, p. 63). Eles carregam consigo um conjunto de fatores que proporcionam

o desenvolvimento articulado de enunciados referentes às áreas familiares e pertinentes à vida desses indivíduos, ou seja, trazem em seu discurso a sua experiência de vida. Assim, tem-se o gênero de discurso, uma referência à locução verbal fixado em um campo do conhecimento ou situacional: “[...] o gênero pode ser definido como um tipo relativamente estável de discurso, elaborado por cada esfera de utilização da língua” (ZAMBONI, 2001, p. 88).

Ademais, aqui tomamos como referência teórica o parecer de Lilian Zamboni ao encontrar gêneros diferentes de discurso quando há a locução verbal entre cientistas: discurso científico (um tipo); e quando o discurso do cientista é intermediado por outros sujeitos para um público não-iniciado no campo científico, fazendo surgir um discurso diferente, o de divulgação científica.

Linguagem e discurso: uma questão de gênero

Em seus estudos sobre a linguagem e o discurso, Bakhtin (2003, p. 261) levanta a hipótese de que há diversos tipos de discursos para as diversas variedades de áreas do corpo social, que envolvem as relações do ser humano “Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas acima de tudo, por sua construção composicional”.

Nessas áreas, segundo Mondin (1980, p. 36), o universo linguístico torna-se representações da realidade em que o ser humano se insere. “[...] a linguagem é o instrumento ideal da intencionalidade essencial do homem. Este é um ser aberto e em movimento constante, orientado para a realidade que o circunda e ameaça”. Por isso, o discurso é instrumento, uma brecha para descrever o espaço, o tempo e o contexto onde o sujeito está inserido: “Essa abertura dispõe para a comunicação e a comunicação faz-se principalmente por intermédio da linguagem” (MONDIN, 1980, p. 36). Desse modo, a função do discurso é a representação, a descrição e

a interlocução de acordo com a dinâmica contextual que o sujeito atua e se relaciona. Para cada dinâmica um tipo de linguagem e de discurso.

Bakhtin chama de gênero de discurso os tipos estáveis do discurso, aplicados dentro de um campo. Destaca-se o domínio de produção do discurso: “[...] características dos discursos dependem essencialmente de suas condições de produção situacionais nas quais são definidas as coerções que determinam as características da organização discursiva e formal [...]” (CHARAUDEAU, 2004, p. 251). Tudo porque, cada gênero torna-se dependente do contexto de produção que o rodeia e o define. Em Bakhtin, há duas categorias de base, que ele chama de gêneros primários e gêneros secundários de discurso. Os gêneros primários são espontâneos e se ligam ao cotidiano dos sujeitos; são também heterogêneos e dialógicos, constituindo uma troca enunciativa imediata, sem muita sofisticação; já o gênero secundário está ligado às elaborações sofisticadas, derivados dos gêneros primários, são mais complexos e especialmente organizados. Contudo, há que se ressaltar a importância do estudo conjunto e mútuo desses campos discursivos, conforme salienta a observação bakhtiniana sobre os gêneros, pois eles refletem o conteúdo do tema abordado, o estilo verbal e a construção composicional do enunciado:

Uma determinada função (científica, técnica, publicista, oficial, cotidiana) em determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis (BAKHTIN, 2003, p. 266).

Bakhtin (2003) ainda discute as relações entre os enunciados e os gêneros do discurso e salienta que, de um lado, há uma certa individualidade do enunciado e, por outro, a variedade dos gêneros do discurso. Que o estilo está ligado ao enunciado e aos gêneros do discurso. E que tanto a escolha dos gêneros como a escolha do estilo do enunciado são decorrentes da assunção de que cada enunciado tem autor e destinatário.

Gênero, temática e estilo se unem e mudam de acordo com o campo específico da formulação do discurso. Aí, encontra-se a presença e a função do sujeito, seu objetivo comunicacional. Ao ser locutor do enunciado, ele delimita sua área de atuação interagindo, modulando e delimitando seu parecer discursivo: “[...] cria limites precisos do enunciado nos diversos campos da atividade humana e da vida, dependendo das diversas funções da linguagem e das diferentes condições e situações de comunicação é de natureza diferente e assume formas várias” (p. 275).

Na opção por um gênero do discurso, deve-se levar em conta o objeto e o sentido; o projeto do discurso no locutor; bem como as formas que compõem os gêneros.

O objetivo do discurso se esgota, exaure-se ao se tornar tema de um enunciado. O autor como que define a idéia enunciada. “Essa idéia determina tanto a própria escolha do objeto [...] quando os seus limites e sua exauribilidade do enunciado: [...] também a escolha da forma do gênero na qual será construído o enunciado [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 281). Assim sendo, essas condições semântico-objetais são tematizadas pelos participantes. A sua exauribilidade depende da destreza pelo qual é utilizado o gênero determinado. Com relação ao projeto discursivo, a individualidade do discurso é perpassada pela situação, determinando o gênero a ser usado para a ação comunicacional. É o sujeito falante que elabora o projeto das cadeias enunciativas. No que diz respeito às formas gramaticais e de língua, essas se apresentam ao sujeito falante junto com as cadeias de vocabulários e sintaxe (instrumentos linguísticos determinantes na comunicação enunciativa). Estas são as normas recebidas pelo sujeito, que é obrigado a se subordinar ao parecer preestabelecido pela sociedade, onde ele está inserido ou a um subgrupo social em que ele é iniciado. Em síntese, os gêneros de discurso se entrelaçam, a partir do sujeito, posicionado num determinado campo, acabando por exaurir seu objeto e o seu sentido:

Por isso, cada enunciado se caracteriza, antes de tudo, por um determinado conteúdo semântico-objetual. A escolha dos meios linguísticos e dos gêneros de discursos é determinada, antes de tudo, tarefas (pela idéia) do sujeito do discurso (ou autor) centradas no objeto e no sentido. É o primeiro momento do enunciado que determina as suas peculiaridades estilísticos-composicionais (BAKHTIN, 2003, p. 289).

As realidades que contextualizam e preparam o sujeito em sua expressão enunciativa também determinam a escolha do gênero de discurso. Ao sujeito locutor, com sua índole individual, cabe, ainda, os sentidos que dá ao objeto do enunciado e seu objetivo específico. Este se liga ao destinatário (a comunicação tem objetivo), ou seja, “um traço essencial (constitutivo) do enunciado e o seu direcionamento a alguém, o seu endereçamento” (BAKHTIN, 2003, p. 301). Desse modo, interessa ressaltar que, para atingir o objetivo do discurso e da comunicação, o interlocutor tem uma participação importante:

A quem se destina o enunciado como o falante (ou o que escreve) percebe e representa para si os seus destinatários, qual é a força e a influência deles no enunciado – disto dependem tanto a composição quanto, particularmente, o estilo do enunciado. Cada gênero do discurso em cada campo da comunicação discursiva tem a sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero (BAKHTIN, 2003, p. 301).

É o destinatário que pode apresentar o grau de percepção suficiente, o nível de conhecimento, sua inteiração e concepção de mundo, até os preconceitos. Por isso, o gênero de discurso leva em conta a posição social, idade, grau de instrução e o nível social do falante, bem como o do receptor. Na comunicação de massa de mercado, essas características são catalisadas no que se conhece por “perfil de público”.

No discurso, o receptor assume um papel de participante, pois tem influência sobre o locutor e seu enunciado. Assim, a composição e o estilo do discurso dependem da percepção e da imagem que o locutor formula do destinatário (ZAMBONI, 2001, p. 93).

Discurso científico

Para Bakhtin (2003, p. 390), os enunciados são destinados e variados em grau de assimilação do destinatário. O locutor projeta e antecipa a compreensão daquilo que é formulado: “Quem fala e a quem fala. Tudo isso determina o gênero, o tom e o estilo do enunciado: a palavra do líder, a palavra do juiz, a palavra do mestre, a palavra do pai, etc.”. Nesse sentido, pode-se argumentar que o discurso científico seja diferente do discurso de divulgação científica, o qual surge dentro de um contexto, enunciativo sócio-cultural específico, abrangendo tempo e espaço.

Segundo o físico norte-americano Lawrence M. Krauss, nessa época contemporânea, a ciência tem precedência e valor de verdade, por conta da “transparência”, do uso da metodologia e dos benefícios e desenvolvimento social que ela proporciona, incluindo também o que os cientistas têm a dizer sobre seus estudos:

Ela acontece em um contexto social, e os resultados dela têm implicações importantes para a sociedade, mesmo se usados apenas para compreender como nós humanos nos encaixamos no Cosmos. Portanto, a simples geração de conhecimento, sem nenhuma tentativa de disseminá-lo e explicá-lo, não é suficiente (KRAUSS, 2004, p. 89).

Entretanto, o desenvolvimento e o resultado teórico da ciência é restrito a certos indivíduos, grupos especializados:

Numa visão sociopolítica mais alargada, as comunidades de cientistas formam-se no interior de instituições de pesquisa, nas universidades, nos centros de pesquisa privados, nos laboratórios, com finalidades e motivações de variada ordem [...] (ZAMBONI, 2001, p. 30).

Os cientistas formam um corpo de analistas, que desenvolveram uma práxis dedutiva ou indutiva sob o objeto qualquer de sua escolha, num determinado campo do conhecimento. Tal postulado é um ponto

que pode esclarecer a formação de um tipo de discurso pertencente às pessoas que desenvolvem as ciências. Como salienta o filósofo Michel Foucault, eles compõem um grupo privilegiado, instituído de qualificação para tal procedimento: criar um enunciado verbal e competente no assunto. A fala científica se restringe nessa área: “[...] ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfazer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (FOUCAULT, 2003, p. 37). A competência desse discurso é restringida tecnicamente e por isso, determinada pela sociedade que Foucault denomina “sociedade de discurso” e que tem e usa mecanismos restritivos eficientes: “[...] cuja função é conservar ou produzir discursos, mas para fazê-los somente segundo regras estritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição” (p. 39). A questão do discurso é posta de forma a abranger o produtor, o locutor do enunciado dentro de normas restritas.

Nos discursos científicos há a presença do locutor e do interlocutor. Eles estão num mesmo nível de conhecimento, numa mesma comunidade científica. Eles falam para seus pares: “Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 266). Esses dados são avaliados num nível horizontal na comunidade restrita. “Todo enunciado tem sempre um destinatário (de índole variada, graus variados de proximidade, de concretude, de compreensibilidade, etc.), cuja compreensão responsiva o autor da obra do discurso procura e antecipa” (p. 333).

Para Lopes (2003) o discurso dos cientistas é sustentado pela harmonia com o tempo lógico e o tempo histórico, concebendo um discurso como uma totalidade:

[...] o princípio da não-contradição interna, pelo qual o módulo deve dar conta do tempo lógico em que o discurso se inscreve; o princípio da não-contradição externa, que exige que se dê conta do tempo histórico presente na obra; o princípio da responsabilidade científica, que reclama do autor do discurso o desempenho consciente em sua produção (LOPES, 2003, p. 118).

Ademais, em seus estudos, Zamboni (2001) salienta a importância do discurso científico e o concebe como um enunciado hermético, por se tratar de uma área restrita de campos específicos de vários níveis de gêneros científicos, como o discurso científico de audiência leiga (mas não se trata de um discurso de divulgação científica – gênero –, pois tem as características dos enunciados científicos, expressados por cientistas); o discurso científico especializados (circulam como descobertas antigas, servem como forma pedagógica de um conhecimento); e o discurso científico altamente especializados (trata-se de novidades de pesquisas inéditas, descobertas recentes e originais). Outra peculiaridade desse discurso se apresenta nas esferas sintática, semântica e lexical com seus repertórios e a escolha do repertório científico que provoca um sentido linguístico dentro do meio científico.

Nesses gêneros científicos há o caráter esotérico e duro para um público não iniciado nesse tipo de leitura. No caso, a autora esquematiza as partes competentes desses discursos que podem ser divididos em: a) introdução; b) material e métodos; c) resultados e discussão. A introdução compõe o início, como numa dissertação, onde se apresenta o problema, a hipótese e é comum apresentar o “[...] objeto específico que está sendo investigado [...], importância da pesquisa [...]” (ZAMBONI, 2001, p. 37). Os materiais e métodos correspondem a parte caracteristicamente desse discurso que mais se restringe ao grupo enunciador desses gêneros, uma parte importante: “[...] apresentação detalhada do material, a potencialidade de permitir a repetição da experiência em outro centro de pesquisa [...]” (p. 37). Os resultados e a discussão é a parte conclusiva, onde se tabulam as deliberações expressadas na pesquisa: “[...] as consequências originadas pelo emprego da metodologia adotada, apresentam-se os resultados [...], os comentários acerca dos resultados [...]” (p. 38). Vale ressaltar que essas idéias nem sempre são acessíveis a quem está fora da comunidade científica e iniciados.

Por tudo isso, pode-se falar que há o processo pragmático e plástico da pesquisa. Ele é base do processo enunciativo desses gêneros. Assim, os enunciados científicos não são meras repetições discursivas, mas

possuem um caráter de sustentáculo e genealógico para outros gêneros, sem esquecer, é claro, da dimensão contínua dos discursos em geral:

Nenhum enunciado pode ser o primeiro e último. Ele é apenas o elo na cadeia, de fora dessa cadeia não pode ser estudado. Entre os enunciados existem relações que não podem ser definidas em categorias nem mecânicas nem linguísticas. Eles não têm analogias consigo (BAKHTIN, 2003, p. 371).

Especificamente, o discurso científico inspira e nutre o discurso de divulgação científica ou discurso midiático: “Em realidade, repetimos, todo enunciado além do seu objeto, sempre responde (no sentido amplo da palavra) de uma forma ou de outra aos enunciados do outro que o antecederam” (BAKHTIN, 2003, p. 300). Portanto, tal proposição indica o surgimento e o uso do gênero discursivo diferente e mais acessível.

Discurso de divulgação científica

Segundo Zamboni a divulgação científica é um gênero de discurso distinto de outros, contudo, como os demais, assume o caráter pouco autônomo, necessitando de outros discursos fontes. O discurso de divulgação é elaborado tendo em vista a acessibilidade de um tipo de receptor que não pertence exclusivamente ao âmbito dos cientistas: “O destinatário, que era originalmente a comunidade científica, passa a ser agora um público aberto, tido como leigo em matéria de ciência [...]” (ZAMBONI, 2001, p. 10). Assim, o gênero de discurso de divulgação se torna um conjunto de enunciados interpretantes do discurso científico para o público de não-cientistas. “[...] o divulgador falando por um outro, o cientista, e para um outro, o público leigo” (p. 85). Dessa maneira, o que pode caracterizar bem esse tipo de discurso é uma estrutura resultante da peculiaridade de sua produção, como a presença de termos científicos diluídos didaticamente, mas que surgem no discurso de divulgação.

Lage (2001, p. 123) afirma que o objetivo de quem informa sobre ciência é transformar conhecimento científico em conteúdo divulgador,

isto é, clarear e simplificar as hipóteses, teorias da pesquisa científica para o público, a exemplo do jornalismo científico:

O jornalismo procura grau distinto de precisão, determinado pela amplitude diversa de seu público, que é extenso e disperso. O texto jornalístico traduz conhecimento científico em informação jornalística científico-tecnológica, procurando tornar conteúdos da ciência compreensíveis e atraentes.

Há a tentativa de compartilhar o saber que o receptor não possui, para isso, é preciso determinados graus de inteligibilidade, variadas por mecanismos eficazes, junto com o uso de formas instrumentais tais como denominações, exemplificações, classificações, sinônimos, comparações: “[...] representações que os enunciadores fazem das lacunas dos seus destinatários e atribuem, por consequência, graus diferentes de didaticidade, laicidade ou cientificidade” (ZAMBONI, 2001, p. 97). Uma mediação interessante e salutar, cujo objetivo é mostrar e expor numa superfície social o trabalho científico.

Além de comunicar fatos científicos, idéias, processos, o jornalista deve entender e tratar do contexto em que a ciência é gerada e usada, de sua gênese, que é também política e econômica, de seus efeitos e entrelaçamentos sociais e culturais às vezes dramáticos. Em uma palavra, o jornalista científico não pode apenas informar. Comunicar a ciência jornalisticamente implica comunicar de forma crítica, situada, contextual, rigorosa. Ao mesmo tempo, implica comunicar de maneira interessante, cativante, ágil e dentro dos vínculos frustrantes que o funcionamento da mega-máquina midiática impõe (CASTELFRANCHI, 2008, p. 19).

Falar sobre ciência é antes de tudo colocá-la a serviço da sociedade, juntamente com sua aplicação prática, abrangendo temas que alcançam o cotidiano, como destaca o estudioso do jornalismo científico, Burkett (1990, p. 5): “Redigir ciência também abrange temas como aplicação da ciência através da engenharia e tecnologia e, especialmente as ciências-arte, da medicina e cuidados com a saúde”.

Dessa maneira, o periódico de caráter científico tem como objetivo mediar as instâncias entre o público leigo e o mundo das descobertas científicas: “[...] a redação científica tende a ser dirigida para fora, para a audiência além da estreita especialidade científica onde a informação se origina. [...] a redação científica ajuda a transpor a brecha entre cientistas e não-cientistas” (p. 6).

Fabíola Oliveira (2002) vem nos apontar algumas diferenças entre os discursos da ciência e os jornalísticos:

A redação do texto científico segue normas rígidas de padronização e normatização universais, além de ser mais árida, desprovida de atrativos. A escrita jornalística deve ser coloquial, amena, atraente, objetiva e simples. A produção de um trabalho é resultado não raro de anos de investigação. A jornalística rápida e efêmera. O trabalho científico normalmente encontra amplos espaços para publicação nas revistas especializadas, permitindo linguagem prolixa, enquanto o texto jornalístico esbarra em espaços cada vez mais restritos, e portanto deve ser enxuto, sintético (p. 43).

Forma-se a opinião pública sobre a ciência (fórum privilegiado), mostrando o poder desses grupos, que detêm o conhecimento, e sua posição em relação aos demais grupos. Nos seus estudos ligados à nutrição, Serra apresenta e denomina a presença do discurso midiático como mediador entre os enunciados científicos com o público. Seus estudos não salientam a presença de um discurso de divulgação, mas o gênero midiático, com seu caráter universal e seus enunciados acessíveis: “A característica distintiva do discurso midiático é o fato de o âmbito da sua legitimidade não ser delimitado pelas fronteiras de um domínio restrito da experiência, ou seja, a mídia se apropria do discurso e da experiência de diversas áreas de conhecimento” (SERRA, 2001, p. 17).

Nas idéias defendidas pela nutricionista, em suas análises discursivas, o discurso midiático é aberto, público e pode ser entendido por muitas pessoas que se interessam pelo assunto. Diferente das características esotéricas dos enunciados puramente científicos, limitados

a um grupo e, portanto, restritivos, fechados e difíceis: “Desse modo, a mídia, mesmo quando utiliza termos científicos, os expressa em palavras do domínio público, atribui a determinados termos científicos, significados populares” (SERRA, 2001, p. 17). Apresenta-se então um caráter democrático e possível de ser avaliado em outras esferas sociais que perpassam a vida humana. Quem emite o discurso de divulgação, segundo Hernando (1977, p. 19), deve assumir o papel de interlocutor junto à fonte: “El periodista científico debe ser, ante todo, periodista. En outro lugar, y al hablar de los problemas de la difusión de la ciencia [...]”. Assim, o divulgador deve, por conseguinte, conhecer o assunto a que se refere e saber traduzir, em uma linguagem fácil o conhecimento acerca do tema abordado:

El periodista científico debe cumplir una doble condición: conocimientos científicos y conocimientos de técnica periodística. Lo que importa, en definitiva, es disponer de una capacidad de selección de lo que es verdaderamente importante y debe llegar a la opinión pública y que el tratamiento de la información sea correcto (HERNANDO, 1977, p. 20).

Para isso, Zamboni (2001, p. 62) destaca a necessidade de refazer o discurso científico, traduzindo-o com resumos, resenhas e paráfrases, surgindo daí a divulgação. “Submetido a outras condições de produção, o discurso científico deixa de ser o que é”. Isso é feito sobre a matéria-prima retirada dos *papers* de ciência, notícias, entrevistas, *press releases*. Depois são aplicados mecanismos que proporcionam, ao conhecimento criado pelos cientistas, o nivelamento máximo possível ao grande público, conforme demonstra a Figura 1.

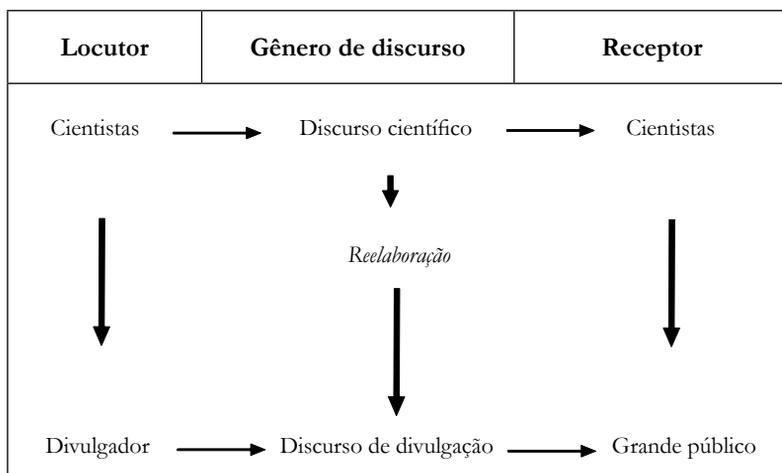


Figura 1 - Processo de elaboração e reelaboração do discurso científico, com vistas ao público alvo.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Conseqüentemente, exposta através dos veículos de informação, a característica da ciência perde, de certa forma, a pureza objetiva da análise científica. Tudo porque muitos conceitos são empobrecidos, ou até mesmo retirados, para o entendimento geral do conteúdo informativo, ao se transmitir a informação para um público fora do círculo científico:

À medida que os escritores de ciência espalham informações fora do núcleo das disciplinas científicas, a ciência perde alguma precisão e muito do jargão técnico. Nos meios de comunicação de massa – jornais, rádio e televisão – a ciência torna-se popularizada [...]. Portanto, o redator de ciência deve procurar o “significado” para o seu público-alvo (BURKETT, 1990, p. 8-9).

O rigorismo e a postura sisuda do cientista, outrora presente no discurso científico, é posto de lado, pois na divulgação científica, interessa muito mais envolver emocionalmente o leitor, num ritmo e entonação discursiva cativante, numa maneira de dizer peculiar dos gêneros discursivos

mais populares. Uma outra característica da divulgação é a aproximação da ciência, suas descobertas, com a vida das pessoas e seu dia-a-dia (O que poderia ser útil? O que é interessante saber sobre ciência?).

Zamboni (2001) ressalta as peculiaridades desse gênero, cujas funções e formas linguísticas das inserções lexicais na sintaxe discursiva, são métodos eloquentes que acentuam com “aspas” ou itálicos as partes léxicas diferentes do resto do corpo enunciativo, podendo vir marcado tanto termos científicos como familiares ou coloquiais. Nesse caso, ele assume um valor conotativo para uma melhor assimilação do conteúdo científico, aproximando do léxico comum do público. Um outro ponto destacado pela autora diz respeito à nomeação (função legitimadora), para melhor elucidar as questões, tais como o mecanismo se chama..., o nome da nova teoria é..., o método de pesquisa é denominado..., entre outros. Há uma reformulação do discurso por parte do divulgador, com vistas à “facilitar a compreensibilidade, na tentativa de aproximar o leigo do recorte de mundo de que vai se tratar” (ZAMBONI, 2001, p. 134). Zamboni destaca ainda, a necessidade da existência de profissionais de comunicação (não-cientistas), mas divulgadores do discurso científico. Por último a definição (função explicadora), semelhante à nomeação, faz-se presente para esclarecer certos termos incomuns ao público, desse modo são explicitados. Ela se subdivide em definição por aproximação, definição por justaposição metalinguística e definição por conceituação. A primeira garante a compreensão do destinatário, assim são usados termos familiares ao leitor, mas com resguardo conceitual e igualdade de valor com o objeto científico, a exemplo de: “a luz viaja no espaço” e “os buracos da lua”. A segunda definição introduz termos de metalinguagem diante de um jargão científico (termo técnico): “nanômetro é o nome que se dá a escala de medida para objetos pequeninos”. Na definição por conceituação o termo técnico recebe uma conceituação e assim é entendido, identificando os objetos que são estudados pela ciência: “O DNA é uma estrutura, em escala nanométrica, de um esqueleto formado de duas colunas de bases protéicas”.

Portanto, é necessário para boa divulgação da ciência, enquanto informação difusa, a percepção de intermediador. A ciência, de uns poucos cientistas, pode ser compreendida e permeada por quem tem acesso ao discurso de divulgação científica dos veículos informativos, que a apresentam como uma especialidade. Põe no contexto social e cultural o receptor da mensagem de divulgação científica, a partir do discurso matriz (científico), para o público, usando códigos num nível desse destinatário, observando os interesses e necessidades de cada um. Seria a combinação entre o conhecimento adquirido e conquistado com o interesse do público: “[...] a exposição que combina interesse do assunto com o maior número possível de dados formando um todo compreensível e abrangente” (LAGE, 2001, p. 112).

Conclusão

Diante do exposto, a divulgação é a área de construção do discurso informativo, o qual irá perpassar a realidade como tentativa de explicar o todo, para isso é interessante retomar o argumento da objetividade comunicativa, justificando a existência da argumentação e da retórica no discurso, ou seja, “comunicar, explicar, legitimar e fazer compartilhar o ponto de vista que ali se exprime e as palavras que o dizem; ou então, ao contrário, de eliminar os discursos concorrentes para reinar soberano em seu domínio” (PLANTIN, 2004, p. 376). Ao tratar de ciência, a divulgação funciona como forma de transmissão de informação, com uma identificação objetiva e ideológica. Segundo Lage (2001, p. 122) “ao informar, complementa e atualiza conhecimentos e neste sentido, educa; ao transmitir conhecimento, atua sobre a sociedade e a cultura, determinando escolhas econômicas e, no fim, opções político-ideológicas”. O discurso científico se torna um poderoso meio persuasivo na concretização de idéias. Através dos meios de divulgação, ele se torna acessível e se cristaliza tornando-se base singular dos discursos ideológicos vigentes, e para tanto faz uso do poderoso instrumento de difusão informativo.

Referências

BAKHTIN, Mikhail (V. N. Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais de método sociológico da ciência da linguagem. São Paulo: Annablume/Hucitec, 2002.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

BURKETT, Warren. **Jornalismo científico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

CASTELFRANCHI, Yuriy. Para além da tradução: o jornalismo científico crítico na teoria e na prática. In: Jornadas Iberoamericanas sobre la ciencia en los medios masivos. 2 (30.Jul al 3 Ago.2007: Santa Cruz de la Sierra - Bolívia). Los desafíos y la evaluación del periodismo científico em Iberomerica / Luisa Massarani y Carmelo Polino. – Santa Cruz de la Sierra (Bolívia) : AECI, RICYT, CYTED, SciDevNet, OEA, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. Gênero de discurso. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 249-251.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

HERNANDO, Manoel Calvo. **Periodismo científico**. Madrid: Paraninfo, 1977.

KRAUSS, Lawrence M. Perguntas que atormentam a Física. **Scientific American Brasil**, São Paulo, ano 3, n. 28, p. 86-89, set. 2004.

LAGE, Nilson. **A reportagem**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

MONDIN, Battista. **Introdução à filosofia**. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo científico**. São Paulo: Contexto, 2002.

PLANTIN, Christian. Persuasão. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 375-377.

SERRA, Giane M. A. **Saúde na adolescência**: o discurso sobre dieta na revista Capricho. 2001. 76 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública/Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2001.

ZAMBONI, Lilian Márcia Simões. **Cientistas, jornalistas e a divulgação científica**: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica. Campinas: FAPESP/Editora Autores Associados, 2001.

Recebido em: agosto de 2008

Aprovado em: abril de 2009